

**A LINGUAGEM DO CONTO DE TERROR
E O PROCESSO DE RECONTO ORAL E REESCRITA**

José Ricardo Carvalho (UFS)
ricardocarvalho.ufs@hotmail.com

Manoela Barreto Borges (UFS)
manubela86@hotmail.com

RESUMO

Este artigo discute os processos envolvidos na rescrita do conto de terror “A Dama Branca”, exibido em formato de áudio apresentado no programa de rádio “Contos da Madrugada” para alunos do ensino fundamental. O objetivo principal deste trabalho é compreender o funcionamento discursivo do gênero conto de terror na modalidade oral e escrita, analisando os elementos que geram o efeito do fantástico e do terror no texto fonte apresentado em áudio e na versão reescrita produzida por uma aluna da classe do ensino fundamental. Descrevemos aspectos estruturais dos contos de terror, examinando em que medida o estilo de linguagem, a abordagem temática e a forma composicional são retomados na retextualização do texto oral para o escrito.

Palavras chaves: Oralidade. Gênero de terror. Produção textual.

1. Introdução

[...] a literatura, no sentido próprio, começa para além da oposição real e irreal. Se certos acontecimentos no universo de um livro pretendem ser explicitamente imaginários, contestam assim a natureza do imaginário no resto do livro. Se tal aparição é apenas fruto de uma imaginação superexcitada, é que tudo o que a cerca é verdadeiro, real.

(TODOROV, 2004, p. 165)

O trabalho que se segue tem o intuito de compreender como se dá a produção da reescrita de contos de terror por alunos do ensino fundamental que estabelecem contato com o texto a partir da

leitura em voz alta do professor ou a audição de voz narrada. Observamos que há pouco aproveitamento dos trabalhos em que a oralidade se faz mais presente na interação entre alunos e professores, por isso valorizamos o primeiro contato com o gênero conto de terror por meio da modalidade oral. Este fato se deve principalmente pela valorização dos recursos do discurso oral para entusiasmar e envolver o aluno. Desta forma, temos por objetivo investigar o comportamento linguístico oral dos alunos diante da interação do texto oral com o texto escrito com intuito de aproximar as práticas orais das práticas letradas. O falante produz enunciados diversos a depender do gênero textual e de sua modalidade falada ou escrita.

Nesse contexto, debruçamo-nos em compreender os elementos que compõem o gênero de terror, visto que o gênero em discussão produz certo fascínio nas crianças. Diante deste fato, examinamos atividades de reconto oral com o texto “Dama de Branco”, observando a passagem do discurso oral para o discurso escrito. Tal pesquisa resultou em uma ampla reflexão sobre a linguagem falada por alunos que ainda não dominam totalmente os princípios do discurso escrito. Evidenciamos recursos ímpares no funcionamento do discurso falado que nos leva a crer a importância de estudar suas propriedades a interferência de seus fundamentos na reescrita realizada por alunos do quinto ano do ensino fundamental. Os dados desenvolvidos no projeto PIBID (Produção Textual no Ensino Fundamental: Oralidade e Escrita na Formação do Professor-Pesquisador) foram coletados ano de 2013 em uma escola do município de Itabaiana – SE.

Do ponto de vista pedagógico, a atividade do reconto oral valoriza a bagagem linguística da criança, pois envolve uma série de processos cognitivos e internacionais que atuam sobre o domínio da competência sociocomunicativa. Nesse sentido trabalhamos explorando os gêneros textuais, com ênfase nessa pesquisa no *de terror*, por ser oriundo da tradição oral, afina-se com os propósitos de compreensão da oralidade em textos narrativos. Durante o processo do reconto e da produção de uma história em que o aluno assume o papel de narrador na primeira pessoa, o falante necessita

explorar o conhecimento intuitivo estrutural do gênero para comunicar-se, devendo atentar-se para o funcionamento linguístico a ser utilizado para organizar os enunciados, criando unidade de sentido que reproduza a história ouvida.

Neste percurso, apresentamos a história com recursos audiovisuais e exploramos aspectos que estimulavam os alunos a reconhecerem propriedades particulares do conto de terror, diferenciando-os de outros gêneros. Em seguida, realizamos a exposição do conto “A Dama Branca” apresentado no programa de rádio Contos da Madrugada, pedindo que os alunos observassem os sons produzidos na sonoplastia e como são manifestadas as sensações do narrador pelo tom da voz na primeira parte da narrativa. Além disto, pedimos a realização de um exame minucioso sobre a estrutura da narrativa (situação inicial, mistério e desfecho), bem como a atividade de textualização realizada por meio da escolha vocabular e a organização dos enunciados proferidos pelo narrador. Expomos a seguir a transcrição de uma narrativa apresentada, em áudio, para os alunos.

Contos da madrugada

“A Dama Branca” adaptação de “Conto Carioca” de Vinicius de Moraes.

O rapaz vinha dirigindo o seu conversível novo pela Avenida Beira Mar, ele vinha despreocupado, ouvindo música com olhar distraído pelo asfalto e retração, até que alguém liga para o seu celular. (toque de celular)

– Diga aí meu irmão! Hoje à noite foi um sucesso, eu acabei de ganhar um dinheirão no cassino, peguei algumas gatas e ainda consegui arrancar um belo conversível do meu pai, tudo bem, eu tive que prometer a ele que eu me esforçaria nos estudos, mas isso é o de menos.

A noite era longa, fria, iluminada pela luz da lua, cheia de uma paz, talvez macabra; mas o rapaz nada sentia. Até que subitamente, ele vê uma mulher sentada num banco à beira da avenida. O seu pé agiu no freio quase que automaticamente. Ele deu uma marcha à ré e levou o carro junto ao meio fio próximo a Dama Branca. O rapaz se empolgou ao ver aquela jovem mulher elegante e bonita, com o

rosto envolto no véu e toda vestida de branco.

– E aí gata sozinha há essas horas?

Ela não respondeu, limitou-se apenas a olhar serenamente o rapaz no conversível, enquanto o vento agitava-lhe suavemente seus cabelos cor de cinza.

– Sabe que é perigoso uma mulher tão bonita como você, ficar sozinha aqui até essas horas?

A voz da dama parecia vir de longe e possui um leve sotaque nórdico.

– Eu perdi a condução... não sei... É tão difícil arranjar condução aqui.

O rapaz passou a ver a dama com olhos de cobiça. Que criatura fascinante, tão branca, pensava ele. As pernas da jovem tinha uma alvura de marfim e suas mãos pareciam porcelanas brancas. O rapaz sentiu uma sensação estranha, um arrepio percorreu todo seu corpo, mas ele não se conteve e chamou a jovem para entrar no conversível:

– Vem! Eu levo você.

E ela foi, abriu a porta do conversível e sentou-se ao lado do rapaz, a noite estava fria e ao tê-la aconchegado, talvez por emoção, o rapaz tremeu. Os braços da dama eram frios como mármore e sua boca gelada como éter, vinha dela um suave perfume de flores que o deixava inebriado. Ela se deixou passiva nos braços dele, entregue a seus beijos mansos. Quando a madrugada rompeu, o rapaz acordou de sua dormência amorosa. A dama branca parecia mais branca ainda e olhava fixamente para o mar de onde vinha um vento gelado.

– Minha querida, agora vou levar você embora, onde você mora?

A dama olhou para o rapaz com os olhos quase inexistentes de tão claros e serenamente lhe respondeu: – Me leve pra Botafogo, por favor.

O rapaz logo arrastou o conversível. Ele estava delirante e percorreu todo o caminho em alta velocidade, seguindo as orientações da dama.

– Pode parar... é aqui...

O rapaz parou o conversível e olhou para ela espantado.

– Mas, porque aqui?

– Porque eu moro aqui. Venha me ver quando quiser e muito obrigada por tudo.

E dando no rapaz um último e longo beijo frio como éter, a Dama Branca abriu a porta do conversível, passou através do portão fechado do cemitério e desapareceu junto a uma névoa branca.

Discutimos a maneira como o conto é narrado e como os personagens e as ações são introduzidos na composição do texto de terror. Em seguida, buscamos ressaltar o conflito vivido na narrativa “A Dama Branca”, fazendo com que os alunos se colocassem na situação de oferecer uma carona para um desconhecido pela madrugada. Muitas formas de reagir ao conflito vivido pelo protagonista foram levantadas pelos alunos, permitindo-lhes a criar outras possibilidades de desenvolver a trama com imaginação. De acordo com Bakhtin (1992):

Os enunciados não são indiferentes uns aos outros nem autossuficientes, conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente. São precisamente esses reflexos que lhes determinam o caráter. O enunciado está repleto de ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunidade verbal. (BAKHTIN, 1992, p. 317)

Para evidenciar o clímax, a narrativa foi interrompida, levando os alunos a criar novas hipóteses de como seria o final da história. Por fim, foi exposto o momento do desfecho quando ocorre a revelação de que a protagonista é uma alma que vive em um cemitério. A partir da análise do enredo propomos uma reflexão sobre o que há de comum nos finais de um conto de terror. Observamos que o conto de fadas possui elementos mágicos para promover o desfecho feliz, já no conto de terror ocorre uma revelação confrontante ou fantástica para a resolução de um mistério presente no enredo. Por meio de um amplo diálogo com a turma, os alunos vão aos poucos internalizando a estrutura e se motivando para a realização do reconto oral e a produção escrita.

Nas atividades de contação de história evidenciam-se, normalmente, a presença de variados usos linguísticos, em que se ve-

rificam a alternância do registro culto na voz do narrador e o registro coloquial na fala dos personagens. No domínio do narrador de conto de terror, encontramos expressões rebuscadas, estruturas sintáticas pouco usadas pelos alunos, além de vocábulos utilizados em outras épocas. Somente por este fato, o contato com as narrativas fantasmagóricas do gênero de terror já seria algo bastante interessante para o leitor iniciante. Nota-se, todavia, que ao contar este tipo de história promove-se uma intensa comoção, estimulando o diálogo no momento da exposição da história. Uma das grandes dificuldades ao se promover esta atividade é, justamente, a compreensão do diálogo, visto que a noção de roda de leitura na tradição escolar é pouco trabalhada. Observamos algumas nas práticas da sala de aula que a atividade de contação de história se restringia a dois momentos: a leitura do conto, seguido do desenho da história.

2. O trabalho com a oralidade no conto “A Dama Branca” na sala de aula

A fim de promover atividades dialógicas na sala de aula, organizamos um conjunto de atividades com o conto de terror na modalidade oral e escrita em diferentes suportes. No primeiro momento, vimos pequenas curtas cinematográficas em vídeo, examinando a linguagem do terror com algumas histórias. No segundo momento, fizemos a leitura de contos de terror. Observamos os efeitos do terror em diferentes narrativas a fim de familiarizá-los com a linguagem do terror tanto em textos literários, orais e cinematográficos.

Sobre a linguagem de terror no cinema, Carroll (1999), autor do livro *A Filosofia do Horror ou Paradoxos do Coração*, traça caracteriza os enredos de terror por meio de exemplos de filmes famosos como: “O exorcista”, “Drácula”, entre outros. Em sua obra, podemos encontrar, claramente, os elementos estruturais do enredo de horror e como estes elementos ajudam a estruturar o gênero conto de terror. Para o autor, a estrutura do terror esta dividida em quatro momentos: irrupção, descobrimento, confirmação e

confronto. Estes quatro momentos da narrativa são elementos básicos para se promover uma história de terror. Geralmente, eles aparecem nos enredos dos filmes de terror, mas aparecem, em parte, também, nos contos de terror. Segundo Carroll (1999), podemos observar elementos do horror nos enredos dos filmes de terror da seguinte forma.

- a) *Irrupção* – Momento em que se é apresentado o monstro ou ser sobrenatural.
- b) *Descobrimto* – Momento que se descobre na narrativa a origem desse ser fantasmagórico.
- c) *Confirmação* – Momento em que são apresentadas provas e convence-se que da existência do mal.
- d) *Confronto* – Momento em que ocorre o desfecho da narrativa e se finda o mal.

Já Todorov busca compreender a elaboração do fantástico no enredo de terror por considerar que nele se produz o efeito de vacilação ou hesitação diante de descrições que vão para além dos fatos naturais e objetivos, caminhando em direção ao sobrenatural. “O fantástico tem, pois, uma vida cheia de perigos, e pode desvanecer-se em qualquer momento. Mais que ser um gênero autônomo, parece situar-se no limite de dois gêneros: o *maravilhoso* e o *estranho*” (TODOROV, p. 24 – grifo nosso). A marca do fantástico encontra-se na fantasia, na imaginação e no extraordinário que ultrapassam a barreira do possível no plano do mundo natural. Sem acontecimentos estranhos não há viabilidade de ocorrer o fantástico. Souza (2011) caracteriza aspectos retóricos do fantástico, sintetizando estudos de Cesarani (2006) que nos remete ao fantástico no plano dos procedimentos narrativos da seguinte forma:

- 1) posição de relevo dos *procedimentos narrativos no próprio corpo da narração*; 2) a narração em primeira pessoa; 3) um forte interesse pela capacidade projetiva e criativa da linguagem; 4) envolvimento do leitor: surpresa, terror, humor; 5) passagem de limite e de fronteira; 6) o objeto mediador; 7) as elipses; 8) a teatralidade; 9) a figuratividade; 10) o detalhe.

- 2) Ceserani (2006) ainda elenca *sistemas temáticos recorrentes na literatura fantástica*: 1) a noite, a escuridão, o mundo obscuro e as almas do outro mundo; 2) a vida dos mortos; 3) o indivíduo, sujeito forte da modernidade; 4) a loucura; 5) o duplo; 6) a aparição do estranho, do monstruoso, do irreconhecível; 7) o *Eros* e a frustração do amor romântico; 8) o nada. (SOUZA, 2011, p. 8 – grifo nosso)

Os personagens e a atmosfera dos contos de terror necessitam de elementos fantásticos como a presença de monstros, acontecimentos ou cenários sobre o qual o leitor-espectador hesita na possibilidade de sua existência diante dos acontecimentos narrados.

O fantástico implica, pois não só a existência de um *acontecimento estranho*, que provoca uma vacilação no leitor e o herói, mas também *uma maneira de ler*, que no momento podemos definir em termos negativos; não deve ser nem “poética” nem “alegórica”. Se voltarmos para *Manuscrito*, vemos que esta exigência também se cumpre: por uma parte, nada nos permite dar imediatamente uma interpretação alegórica dos acontecimentos sobrenaturais evocados; por outra, esses acontecimentos aparecem efetivamente como tais, nos devemos representar isso e não considerar as palavras que os designam como pura combinação de unidades linguísticas. Em uma frase de Roger Caillois podemos assinalar uma indicação referente a esta propriedade do fantástico: “Este tipo de imagens se situa no centro mesmo do fantástico, a metade do caminho entre o que dei em chamar imagens infinitas e imagens travadas [*entraves*]... As primeiras procuram por princípio a incoerência e rechaçam com teima toda significação. As segundas traduzem textos precisos em símbolos que um dicionário apropriado permite reconverter, termo por termo, em discursos correspondentes. (TODOROV, 1980, p. 19)

A presença do fantástico aparece no conto “A Dama Branca” quando se percebe que a moça que conversa com o rapaz durante o trajeto de uma carona trata-se de alma que atravessa a porta de um cemitério.

Notamos que os elementos fantásticos permanecem na reescrita da aluna que realizou a passagem do texto ouvido em áudio para a modalidade escrita com a devida adaptação. Para o desenvolvimento da reescrita foi proposto dois desafios para a aluna: o primeiro foi o de realizar a passagem do texto escrito para o texto falado; o segundo foi o da aluna escrever em primeira pessoa co-

mo se o fato tivesse acontecido com se ela fosse o personagem-narrador. O primeiro problema identificado no texto produzido pela aluna foi modificar o título da história, visto que a personagem “Dama Branca” que corresponderia à personagem fantasma. A aluna não realizou a troca do título por “Cavalheiro Branco”, já que agora o enredo contaria a história de uma mulher que dá um carona que encontra um homem em avenida deserta.

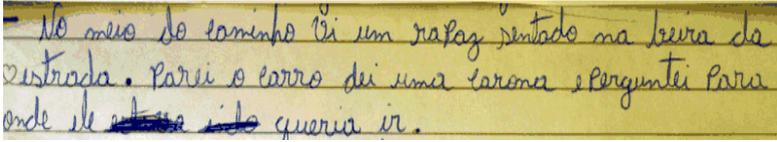
Reescrita de uma aluna do ensino fundamental de uma escola pública de Sergipe.

“A Dama Branca”

- Eu estava andando pela *avenida Beira Mar*. escutando rádio.
- Meu amigo ligou, no meio da conversa disse a ele:
 - Eu estava no casino, peguei varias gatas, e ainda ganhei um carro do meu pai! Foi fácil, prometi a ele que ia estudar pra valer, agora estou aqui curtindo.
 - No meio do caminho vi um rapaz sentado na *beira da estrada*. Parei o carro dei carona e perguntei par onde ele queria ir.
 - Ele respondeu: Vou para Bota fogo.
 - Aquele rapaz era todo branco, seus cabelos eram com de cinza, e suas mãos eram geladas como gel, então ele falo:
 - Pare aqui.
 - Eu respondi: aqui? fiquei espantada ao ver que estava ao lado de um cemitério e o perguntei: o que você veio fazer cemitério?
 - Ele respondeu: eu moro aqui!
 - No momento não levei a sério, mas quando vi ele atravessar o portão sem precisalo abrir, percebi que, aquele rapaz não era um pessoa normal, mas sim alguém do além.
 - fique com medo ao força a visão, e ver que esse rapaz tinha desaparecido no nevoeiro.

Logo no início da narrativa, a aluna que reescreve o conto, apresenta o primeiro fato estranho que o leitor aceita no plano da leitura no conto de terror. Trata-se do fato de uma moça oferecer

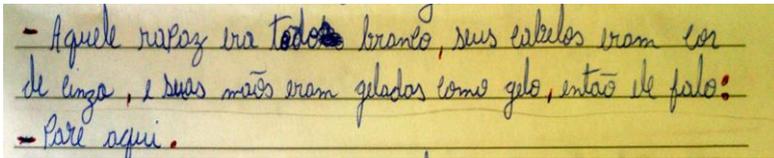
uma carona a um homem desconhecido que se encontra em uma avenida.



- No meio do caminho vi um rapaz sentado na beira da estrada. Parei o carro dei uma carona e perguntei para onde ele ~~estava indo~~ queria ir.

- No meio do caminho vi um rapaz sentado na beira da estrada. Parei o carro dei uma carona e perguntei para onde ele queria ir.

Há neste momento a apresentação do elemento sobrenatural por meio de pequenas pistas dadas pelo narrador, tanto na versão transcrita em áudio como na que foi realizada pela aluna quando reescreve o conto ouvido. Apesar da aluna não perder o foco no enredo, o narrador não desdobra a abordagem do convite da carona realizado pela moça ao cavalheiro.



- Aquele rapaz era ~~todo~~ branco, seus cabelos eram cor de cinza de longa, e suas mãos eram geladas como gelo, então ele falou:
- Pare aqui.

- Aquele rapaz era todo branco, seus cabelos eram cor de cinza, e suas mãos eram geladas como gelo, então ele falou:
- Pare aqui.

Há indícios de *descobrimto* do que virá no instante posterior do enredo, no momento em que se tem a informação da temperatura gelada do homem que nos leva ao clima espanto, estranhamento e suspense. Se há dado lógico que é frio da rua que se encontra, há também menção ao uma visão de um ser diferente. Este aspecto se encontra mais explícito na versão apresentada em áudio quando se caracteriza a Dama Branca.

O terceiro elemento é expresso pelo momento da *confirmação* de que o protagonista do conto deu carona para alguém que já morreu. Na versão em áudio o rapaz se dá conta disto, quando vê a

Dama atravessar o portão do cemitério sem abri-lo. Tal certeza demarca a confirmação de um fato que promove o fantástico na narrativa. Nota-se que o elemento *descobrimento* e convencimento do fato expresso se entrelaçam na tensão estabelecida antes de cessarem-se as dúvidas.

- Ele respondeu: eu moro aqui!
- No momento não levei a sério, mas quando vi ele atravessar o portão sem precisar abrir, percebi que, aquele rapaz não era uma pessoa normal, mas sim alguém do além.
- fiquei com medo ao força a visãõ, e ver que esse rapaz tinha desaparecido no nevoeiro.

- Ele respondeu: eu moro aqui!
- No momento não levei a sério, mas quando vi ele atravessar o portão sem precisar abrir. Percebi que, aquele rapaz não era uma pessoa normal. Mas sim alguém do além.
- fiquei com medo ao força a visãõ, e ver que esse rapaz tinha desaparecido no nevoeiro.

Neste enredo não temos o *confronto* entre o bem e o mal, mas constatação de que a Dama (ou cavalheiro) some no nevoeiro. Neste caso, de acordo com a proposta de análise de proposta por Carrol (1999) ocorre uma *variação de estrutura do conto com a subtração do movimento confronto, sendo identificados, somente, os seguintes acontecimentos no enredo da narrativa. irrupção, descobrimento e confirmação.*

Por meio da dinâmica realizada, é possível identificar o funcionamento da linguagem do gênero do conto de terror. No trabalho de produção texto, observamos aspectos complexos sobre formulações que geram o efeito do fantástico, do terror e do suspense. Sob o aspecto gráfico da versão reescrita, podemos observar a dificuldade de a aluna pontuar e dar coesão ao texto, todavia, no processo de reescrita, foi possível identificar a manutenção de um

proposito comunicativo que sustentou formulações específicas do conto de terror.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ANDRADE, Débora. Adaptação do conto "A Dama Branca" de Vinícius de Moraes. Disponível em: <<http://youtu.be/GeS-AF111N0>>. Acesso em: 17-01-2014. Produção Acadêmica em áudio da Universidade Federal de Sergipe, 2009.

ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha V. de O. O texto oral e sua aplicação em sala de aula: unidade discursiva e marcadores conversacionais como estruturadores textuais. *Anais do 6º Congresso Brasileiro de Língua Portuguesa*. São Paulo: IP-PUC/SP, 1998.

BAKTHIN, Michail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais de língua portuguesa*: 1ª a 4ª série. Brasília, MEC/SEF, 1997.

CARROLL, Noel. *A filosofia do horror ou paradoxos do coração*. Trad.: Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus, 1999.

CESERANI, Remo. *O fantástico*. Trad.: Nilton Cezar Tridapalli. Curitiba: Edufpr, 2006.

GRIMM, J. e W. *Os contos de Grimm*. Trad.: Tatiana Belinky. São Paulo: Paulinas, 1989.

MORAES, Vinicius de. Conto carioca. In: MORAES, Vinicius de. *Para uma menina com uma flor*. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.

SOUZA, Valdira Meira Cardoso de. O fantástico em Machado de Assis: "Entre santos". *Revista Pandora Brasil*. Edição especial n. 6, maio 2011.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à narrativa fantástica*. Trad.: Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 1980.

ANEXOS

Conto carioca

Vinicius de Moraes

O rapaz vinha passando num Cadillac novo pela Avenida Atlântica. Vinha despreocupado, assoviando um blue, os olhos esquecidos no asfalto em retração. A noite era longa, alta e esférica, cheia de uma paz talvez macabra, mas o rapaz nada sentia. Ganhara o bastante na roleta para resolver a despesa do cassino, o que lhe dava essa sensação de comando do homem que paga: porque tratava-se de um "duro", e era o automóvel o carro paterno, obtido depois de uma promessa de fazer força nos estudos. O show estivera agradável e ele flertara com quase todas as mulheres da sua mesa. A lua imobilizava-se no céu, imparticipante, clareando a cabeleira das ondas que rugiam, mas como que em silêncio.

De súbito, em frente ao Lido, uma mulher sentada num banco. Uma mulher de branco, o rosto envolto num véu branco, e tão elegante e bonita, meu Deus, que parecia também, em sua claridade, um luar dormente. O freio de pé agiu quase automaticamente e a borracha deslizou, levando o carro maneiroso até o meio-fio, onde estacou num rincho ousado. Depois ele deu ré, até junto da dama branca.

– Sozinha a essas horas?

Ela não respondeu. Limitou-se a olhar serenamente o rapaz do Cadillac, com seu olhar extraordinariamente fluido, enquanto o vento sul agitava-lhe docemente os cabelos cor de cinza.

– Sabe que é muito perigoso ficar aqui até estas horas, uma mulher tão bonita?

A voz veio de longe, uma voz branca, branca como a mulher, e ao mesmo tempo crestada por um ligeiro sotaque nórdico:

– Perdi a condução... Não sei... é tão difícil arranjar condução...

O rapaz examinou-a já com olhos de cobiça. Que criatura fascinante! Tão branca... Devia ser uma coisa branca, um mar de leite, um amor pálido. Suas pernas tinham uma alvura de marfim e suas mãos pareciam porcelanas brancas. Veio-lhe uma sensação estranha, um arrepio percorreu-lhe todo o corpo e ele se sentiu entregar a um sono triste, onde a volúpia cantava baixinho. Teve um gesto para ela:

– Vem... Eu levo você...

Ela foi. Abriu a porta do carro e sentou-se a seu lado. Fosse porque a madrugada avançasse, a noite se fizera mais fria e, ao tê-la aconchegada - talvez emoção - o rapaz tiritou. Seus braços eram frios como o mármore e sua boca gelada como o éter. Vinha dela um suave perfume de flores que o levou para longe. Ela se deixou, passiva, em seus braços, entregue a um mundo de beijos mansos.

Quando a madrugada rompeu, ele acordou do seu letargo amoroso. A moça branca parecia mais branca ainda, e agora olhava o mar, de onde vinha um vento branco. Ele disse:

– Amor, vou levar você agora.

Ela deu-lhe seus olhos quase inexistentes, de tão claros:

– Em Botafogo, por favor.

Tocou o carro. A aventura dera-lhe um delírio de velocidade. Entrou pelo túnel como um louco e fez, a pedido dela, a curva da General Polidoro num ângulo quase absurdo.

– É aqui - disse ela em voz baixa.

Ele parou. Olhou para ela espantado:

– Por que aqui?

– Eu moro aqui. Venha me ver quando quiser. Muito obrigada por tudo.

E dando-lhe um último longo beijo, frio como o éter, abriu a porta do carro, passou através do portão fechado do cemitério e desapareceu.

- Eu estava andando pela caminhada Beira Mar, ouvindo rádio.
- Meu amigo ligou, no meio da conversa disse a ele:
- Eu estava no casino, fiz várias gatas, e ainda ganhei um carro do meu pai! foi fácil, prometi a ele que ia estudar pra valer, agora estou aqui curtindo.
- No meio do caminho vi um rapaz sentado na beira da estrada. Parei o carro dei uma carona e perguntei para onde ele ~~estava indo~~ queria ir.
- Ele respondeu: Vou para Bota Segura.
- Aquela rapaz era todo branco, seus cabelos eram cor de lenço, e suas mãos eram geladas como gelo, então ele falou:
- Pare aqui.
- Eu respondi: aqui? fiquei espantado ao ver que estava ao lado de um semitório e o perguntei: O que você veio fazer no semitório?
- Ele respondeu: eu moro aqui!
- No momento não havia o sol, mas quando vi ele atravessar o portão sem precisar abrir, percebi que, aquele rapaz não era uma pessoa normal, mas sim algum do além.
- fiquei com medo ao forçar a visião, e ver que esse rapaz tinha desaparecido no nada.